

Dr. David Bauer, Estudo Bíblico Indutivo, Aula 10, Levantamento de Partes e Todos, Levantamento de Divisões, Segmentos, Seções e Gênero

© 2024 David Bauer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 10, Levantamento de Partes e Todos, Levantamento de Divisões, Seções, Segmentos e Gêneros.

Você se lembra que mencionamos que na verdade existem três níveis de observação.

O primeiro é o levantamento do livro, a observação do livro e o levantamento do livro como um todo. Já conversamos sobre isso. Na verdade, apresentei duas pesquisas de livros aqui: Survey of Jude, um livro curto, bastante direto, e Survey of James, um pouco mais complexo.

O segundo nível, como você se lembra, de observação é um levantamento de partes e todos, que envolve o levantamento de divisões, de levantamento de seções, de levantamento de segmentos, unidades mais ou menos estendidas dentro do livro. E deixe-me apenas esclarecer a terminologia aqui. Quando você faz um levantamento do livro, as unidades principais do livro seriam consideradas divisões.

E as próprias divisões são divididas ou divididas em seções. E as seções são divididas em segmentos. Agora, se as seções forem suficientemente grandes ou longas, você poderá ter uma categoria intermediária aqui, subseções.

Então, de modo geral, vai das divisões às seções, possivelmente subseções, e aos segmentos em termos de comprimento. Agora, caso isso seja muito simples, deixe-me complicar um pouco as coisas e salientar que os segmentos são definidos pelo comprimento. Um segmento são dois ou mais parágrafos com a extensão média de um capítulo, embora não necessariamente correspondendo a um capítulo, unidos por um tema comum e por uma estrutura comum.

Dois ou mais parágrafos sobre a extensão de um capítulo médio, embora não correspondam necessariamente a um capítulo, unidos por um tema comum e por uma estrutura comum, o que significa realmente que uma divisão importante dentro de um livro também pode ser um segmento. Na verdade, foi exatamente isso que descobrimos na minha pesquisa sobre Tiago, onde a primeira divisão principal do livro é de 1, 2 a 27. Essa é uma divisão importante do livro, mas também é um segmento porque é um grupo de dois ou mais parágrafos com a extensão média de um capítulo, unidos por um tema e estrutura comuns.

Então, para simplificar, vamos supor que estamos falando aqui de levantamento de segmentos. Mas o que estou dizendo sobre o levantamento de segmentos pode se aplicar ao levantamento de divisões ou ao levantamento de seções. Em termos de identificação de materiais, poderíamos ir em frente e identificar os materiais específicos dando um breve título a cada parágrafo, lembrando assim o conteúdo do parágrafo, ajudando-nos a recordar por associação o conteúdo do segmento por parágrafos e a ser capaz, portanto, de refletir sobre o conteúdo do segmento sem recorrer ao texto.

Estruture também e você verá que o processo de pesquisa por segmento corresponde geralmente ao processo de pesquisa de livro. Então, mais uma vez, como na pesquisa de livros, também na pesquisa por segmento, o centro do que estamos fazendo é realmente a análise estrutural. A estrutura envolve aqui dois componentes principais, como acontece na pesquisa de livros.

A identificação das principais unidades e subunidades, a repartição e a identificação das principais relações estruturais. Novamente, um relacionamento importante dentro do segmento é aquele que controla a maior parte do segmento e que controla mais da metade do material dentro do segmento como um todo. Caso contrário, você está entrando em relacionamentos menores e não está abordando realmente a macroestrutura do segmento.

E as mesmas relações estruturais de que falamos na pesquisa bibliográfica também são relevantes aqui. Mais uma vez, levantamos questões definitivas, racionais e implicacionais sobre cada relacionamento estrutural importante que identificamos e identificamos áreas-chave versus áreas estratégicas que são representativas dos principais relacionamentos dentro do segmento. Agora, em contraste com a pesquisa bibliográfica, é claro que não vamos em frente e fazemos novamente algo parecido com os dados críticos mais elevados.

Já fizemos isso em todo o livro. Mas notamos aqui a forma ou formas literárias empregadas. E falaremos sobre isso.

Queremos voltar e falar um pouco mais sobre isso daqui a pouco porque isso é muito importante, até mesmo para interpretação. Muito do que dizemos, diremos daqui a pouco em relação às formas ou gêneros literários, pertencerá à interpretação. E então, novamente, outras impressões importantes, qualquer outra coisa que você acha que deveria ser mencionada e que pertence ao segmento como um todo, mas não se enquadra nos números de 1 a 5 ou número, em particular, pode ser mencionada aqui.

Quero agora, porém, fazer uma pausa e dizer um pouco a respeito da forma ou formas literárias. E isso se refere, na verdade, a toda a questão do gênero. Na verdade, esses dois termos são basicamente sinônimos.

Por forma literária, realmente queremos dizer gênero aqui. É importante perceber que toda passagem, na verdade todo ato de fala, envolve gênero. E em cada cultura existem certos gêneros, isto é, certas formas que são reconhecidas.

Quando um escritor faz uso de um determinado gênero, o escritor presume que seus leitores reconhecerão o gênero, serão capazes de reconhecer que se trata de um gênero que ele está empregando, e também reconhecerão o caráter desse gênero e saberão quais tipos de estratégias de leitura, que tipos de movimentos de leitura são necessários para construir adequadamente esta passagem de acordo com o gênero em que ela é lançada, em vez de lê-la de acordo com outros tipos de gênero. Wittgenstein refere-se a isso como as regras do jogo de linguagem. Na verdade, o gênero envolve uma espécie de código implícito.

Como eu disse, toda passagem envolve um certo tipo de gênero, e todo gênero envolve um código implícito. O gênero orienta o leitor a interpretar esta passagem de acordo com o personagem e as exigências desse gênero, em vez de lê-la de acordo com outros tipos de gênero. Agora, gênero é uma categoria ou questão interessante porque você tem vários níveis de gênero.

Você tem alguns gêneros que são bastante gerais, gêneros gerais, poderíamos dizer, e esses próprios gêneros gerais podem ser subcategorizados em termos de gêneros mais específicos, e esses próprios gêneros mais específicos podem ser subcategorizados em termos de gêneros mais específicos. Por exemplo, um gênero geral como a narrativa em prosa pode ser subdividido em vários tipos ou vários gêneros dentro da narrativa em prosa. Por exemplo, histórias de cura ou similares, e as próprias histórias de cura podem ser subdivididas ainda mais.

Agora, os gêneros que identificamos no momento da pesquisa por segmento são, na verdade, gêneros mais gerais, não mais específicos, porque se você entrar em gêneros mais específicos, se tentar identificar gêneros mais específicos no ponto de observação, você necessariamente entrará em gêneros mais específicos. muita interpretação. É preciso presumir que alguns desses gêneros mais específicos eram conhecidos e usados e seriam reconhecidos em determinados momentos e por certas pessoas na cultura ou subcultura à qual os leitores pertenciam. Então, é realmente mais seguro evitar um tipo de interpretação prematura neste nível para falar de categorias de gênero mais amplas do que de categorias mais específicas.

Mas, aqui estão alguns dos principais tipos de gêneros que encontramos na Bíblia. O primeiro que mencionaremos é o discursivo, que é um gênero de argumentação lógica. Este é realmente o tipo de coisa que encontramos praticamente em todas as epístolas.

Você pode citar qualquer passagem aqui em Tiago ou em Hebreus, discursiva, o gênero da argumentação lógica. Você também encontra isso em outras partes do cânone. Por exemplo, Marcos 13, o discurso do fim dos tempos no evangelho de Marcos é discursivo.

Uma das características da argumentação discursiva, lógica ou do gênero discursivo é que se presume, a menos que haja indicações claras em contrário, que a linguagem usada será literal e não figurativa. Você pode ter uma linguagem figurada na forma literária discursiva, mas você consideraria a linguagem figurativa e não literal na forma discursiva apenas se houver certas pistas para o fato de que certas indicações dentro do próprio texto de que nesta passagem discursiva específica devemos pensar em termos de linguagem figurativa em vez de linguagem literal ou relacionada a isso se for impossível entender a passagem lendo-a de forma literal versus figurativa. Acontece também que, na argumentação lógica, não devemos assumir uma sequência cronológica.

As passagens avançam tematicamente e não cronologicamente. Portanto, não podemos presumir que o que é descrito no versículo 25 da forma literária discursiva seja entendido em termos de tempo que realmente ocorreu ou que ocorrerá depois do que foi descrito no versículo 22 ou 23. Outro tipo de gênero é a narrativa em prosa. .

Este é um gênero de história ou de história. Você tem isso, por exemplo, em Atos 5:1 a 11, a história ou o relato do evento de Ananias e Safira ali, mas é claro, em muitos, muitos outros lugares do Novo Testamento também. Também no caso da narrativa em prosa, a suposição padrão é que a linguagem empregada será literal e não figurativa, embora você possa ter linguagem figurativa, é claro, na forma literária narrativa em prosa, mas apenas se houver indicações bastante claras na passagem em si que nesta passagem narrativa em prosa, devemos compreender a linguagem mais figurativamente do que literalmente.

Na narrativa em prosa, ao contrário do que dissemos sobre discursivo, a suposição padrão é que a passagem se move cronologicamente, que o que é descrito, digamos, no versículo 40 da passagem narrativa em prosa deve ser entendido como vindo depois do que foi descrito. no versículo 38 e vindo cronologicamente antes do que será descrito no versículo 45 e assim por diante. Mas você pode ter exceções a isso. As exceções são flashbacks ou prenúncios.

É claro que, no caso do flashback, o autor faz uma pausa no enredo e no texto e descreve um evento que, com o tempo, realmente aconteceu antes. Isso é um flashback. Às vezes é chamado de reticências, e quando isso acontece, na verdade, é bastante significativo observar porque quando o escritor interrompe o enredo do texto e se envolve em flashback ou seu oposto, se envolve em um prenúncio onde o

escritor faz uma pausa e fala sobre um evento no tempo ocorrerá no futuro em relação a onde estamos na história do texto.

Quando você tem esse tipo de interrupção temporal, o escritor está na verdade chamando a atenção do leitor para isso, de modo geral, e nos incitando a considerar por que, de fato, esse evento que na verdade não pertence aqui no tempo é colocado aqui. na lógica do texto. O que isso está fazendo aqui? E como isso informa o que está acontecendo, o que está sendo descrito em termos de eventos nesta passagem? Agora, além disso, também temos poesia, e a poesia é, obviamente, encontrada mais no Antigo Testamento do que no Novo. Se você quiser ver como fica quando os tradutores consideram uma passagem como tendo uma forma literária poética, basta olhar em suas Bíblias para os Salmos, e você descobrirá que nos Salmos, por exemplo, você tem um recuo constante e esse recuo constante é uma forma de os tradutores da Bíblia em inglês indicarem que, em seu julgamento nesta passagem, temos forma poética.

Agora, você tem alguma poesia no Novo Testamento, especialmente quando, é claro, o Novo Testamento cita passagens poéticas do Antigo Testamento ou quando um escritor do Novo Testamento cita um hino, um hino cristão, ou talvez expõe um credo. Alguns dos credos incorporados no Novo Testamento parecem ter sido compostos em poesia, mas na maior parte, há poesia no Antigo Testamento e não no Novo Testamento. Ora, a poesia bíblica não é caracterizada em sua maior parte pela rima, como é o caso de pelo menos grande parte da poesia inglesa moderna.

Na maior parte, você não tem rima, embora haja alguma rima na poesia hebraica, mas, é claro, a rima está em hebraico e não é necessariamente verificável ou distinguível na tradução para o inglês. Mas está caracterizado, a poesia é, pela métrica, isto é, pelo ritmo, se não pela rima, pelo menos pelo ritmo. Tantas batidas na linha, esse tipo de coisa, e você pode imaginar que isso seria muito útil na interpretação da poesia bíblica, saber, por exemplo, onde cai a batida, onde está o ritmo, em termos de onde a ênfase pode estar. mentira, e também como uma estrofe se relaciona com outra estrofe em termos de sentido.

Infelizmente, embora saibamos que a poesia hebraica tem métrica, não a compreendemos. Não sabemos realmente o que estava envolvido na métrica poética hebraica. A métrica poética hebraica nem a entendemos e, portanto, os estudos bíblicos são realmente incapazes de fazer muito uso dos insights da métrica na poesia.

Mas uma coisa que sabemos que temos na poesia, e isso foi especialmente descoberto e enfatizado por Robert Louth há vários séculos, é o paralelismo. Existem essencialmente três tipos de paralelismo na poesia, categorias que foram desenvolvidas por Louth e basicamente adotadas desde então. O primeiro que mencionaremos é o paralelismo sinônimo, onde o segundo verso ou a segunda

estrofe diz essencialmente a mesma coisa que o primeiro, mas apenas com palavras diferentes.

E você pode ver como isso seria útil para a interpretação em termos de tornar mais precisa e robusta a nossa compreensão da passagem, mas você tem essencialmente a mesma ideia apresentada de duas maneiras diferentes. E para que os dois versos, os versos sinônimos ou estrofes, na verdade se interpretem mutuamente. Outro tipo de paralelismo é antitético.

Temos isso quando a segunda estrofe ou o segundo verso contrasta com o primeiro e, novamente, são mutuamente interpretativos, extremamente úteis. O terceiro tipo, e poderíamos dar exemplos disso, mas não vou perder tempo fazendo isso neste momento, é o paralelismo sintético. Basicamente, o paralelismo sintético envolve todo paralelismo que não é sinônimo e não é antitético.

Existem vários outros tipos de paralelismo que não se enquadram em sinônimos e antitéticos, têm várias outras funções e, portanto, sintético é realmente uma espécie de categoria abrangente para todas as outras. Agora, a parábola é outro tipo de forma. Uma história, normalmente uma história de um poema, é uma história da vida cotidiana que aponta para uma verdade espiritual e poderia dizer muito mais aqui no que diz respeito às parábolas.

Mas a palavra parábola ou palavra inglesa parábola, na verdade, é uma transliteração da parábola grega, que significa literalmente lançar ao lado, colocar ao lado. Então, o que você tem são dois elementos dentro de uma parábola: a história da própria parábola e a verdade espiritual para a qual a parábola aponta. Digo verdade espiritual, as parábolas bíblicas, é claro, apontam especialmente para a verdade espiritual, mas a verdade ou a verdade espiritual para a qual apontam.

A questão principal aqui, na verdade, na parábola, é a relação entre a história da parábola e a verdade espiritual para a qual ela aponta. Agora, na igreja primitiva, uma forma principal, uma forma favorita, embora não fosse praticada por todos os pais de forma alguma, uma forma favorita de interpretar parábolas era como alegoria, onde cada detalhe de uma parábola tinha sua própria contraparte espiritual. . Muitas vezes, esta interpretação alegórica das parábolas tinha pouco a ver com a história da parábola em si ou com o contexto, o contexto evangélico da parábola, mas era realmente uma questão de cada detalhe ter a sua própria contraparte espiritual que não contribuía para nada. como o ponto principal da própria parábola.

Esta é uma abordagem alegórica, e você a encontra, entre outras, em Santo Agostinho. Esta foi essencialmente, na maior parte, a forma como as parábolas eram lidas e interpretadas até a Reforma, e os reformadores criticaram muitas das interpretações alegóricas fantasiosas das parábolas em favor do sentido claro das

parábolas, mas os reformadores muitas vezes o fizeram. Eles não praticavam o que pregavam e muitas vezes recorriam à interpretação alegórica. E, claro, na sua interpretação, o Papa tendia a funcionar de forma bastante proeminente e nunca de uma forma muito feliz.

Foi assim que as coisas ficaram até que, no final do século XIX, tivemos a produção daquela que é sem dúvida a obra mais significativa em toda a história da interpretação de parábolas do estudioso alemão Adolf Jülicher. Sua obra em dois volumes, o primeiro volume de sua obra em dois volumes sobre as parábolas, foi publicado em 1899, o segundo em 1910. É uma obra em dois volumes que nunca foi traduzida para o inglês.

O título é Die Gleichnisreden Jesu. Se fosse traduzido para o inglês, o título significaria as parábolas de Jesus. Ele argumentou que as parábolas, tal como Jesus as contou, tinham um ponto e apenas um ponto e todos os detalhes da parábola existiam apenas para dar interesse e cor à história.

Não havia nenhuma contrapartida espiritual aqui. Então, você tem Agostinho, que adota, como eu disse, uma abordagem alegórica onde cada detalhe tem sua própria contraparte espiritual que se espalha por todos os lados. Na verdade, não são esses detalhes e a verdade espiritual representada pelos vários detalhes não está relacionada entre si em termos da lógica da parábola.

Esse tipo de alegoria, por um lado, contrapõe apenas um ponto absoluto e bastante severo. Agora, você reconhecerá, é claro, imediatamente que quando você tiver a explicação de Jesus das parábolas nos Evangelhos, por exemplo, o capítulo 13 de Mateus, e por exemplo, a parábola dos solos, você descobrirá que Jesus de fato, identifica contrapartes espirituais dos detalhes. A semente na parábola dos solos, a semente representa isso.

Esse tipo de solo representa esse tipo de pessoa. Este outro tipo de solo representa este outro tipo de pessoa. O terceiro tipo de solo representa esse outro tipo de pessoa.

Então, você tem um movimento em direção a uma espécie de alegoria. Assim, quando Jülicher argumentou que as parábolas têm um ponto e apenas um ponto, ele insistiu que isso era verdade para as parábolas tal como o próprio Jesus as contou. Ele insistiu que a explicação das parábolas, a explicação de Jesus das parábolas que encontramos nos nossos Evangelhos, são, para usar uma expressão técnica, não-dominicanas.

Na verdade, elas não foram ditas por nosso Senhor, mas foram colocadas em Sua boca, talvez, pelos evangelistas. Assim, toda a tendência alegórica que chega à plena expressão, digamos, em Agostinho já começa com os evangelistas. Mas, de qualquer

forma, esta foi uma visão das parábolas que prevaleceu na maior parte até meados da década de 1980.

Mas naquele ponto, vários estudiosos se apresentaram. Estou pensando aqui em algo de John Sider em um artigo muito significativo que aparece no *New Journal of Biblical Literature*, *Rethinking the Parables, the Logic of the Jeremias Tradition*. Jeremias foi um grande estudioso do Novo Testamento que seguiu Jülicher em termos de compreensão das parábolas.

Sider diz que mesmo que se admita que a explicação de Jesus das parábolas que encontramos nos Evangelhos não seja autêntica, que não seja dominical, elas foram colocadas na boca de Jesus pelos evangelistas. Até mesmo alguém concede isso, e Sider disse que não tinha certeza se deveria conceder isso. Mesmo que o façamos, disse ele, na verdade, se quisermos interpretar estas parábolas em termos do seu papel nos Evangelhos, em termos da forma final do texto, temos de levar a sério a explicação de Jesus sobre estas parábolas.

Portanto, a chave para interpretar as parábolas de acordo com o contexto do Novo Testamento é interpretá-las de acordo com o método que Jesus emprega na compreensão das parábolas, conforme expresso em suas próprias explicações. Ele diz que se você fizer isso, descobrirá que tanto Jülicher quanto Agostinho estão certos até certo ponto, que as parábolas de Jesus, conforme ele as explica, têm um ponto principal. Eles não vão para todos os lados.

Este detalhe tem a ver com esta verdade teológica, este outro detalhe tem a ver com esta outra verdade teológica. Não, a parábola tem um ponto principal, mas os detalhes têm contrapartidas espirituais, mas apoiam e desenvolvem o ponto principal. Então, você tem um ponto principal que é desenvolvido pela verdade espiritual, expressa pelos detalhes da parábola. E realmente, em geral, esta é a forma como a interpretação da parábola tem acontecido nos últimos anos.

Agora você pode ver como reconhecer o que está envolvido na interpretação de parábolas é muito significativo na interpretação de passagens desse gênero de parábola. Se você aceitar, como eu, a posição de Sider aqui de que se você ler as parábolas de acordo com o contexto do evangelho, incluindo as explicações que você tem, as parábolas têm um ponto principal, com os detalhes tendo contrapartes espirituais que desenvolvem ou expandem esse ponto principal. ponto, então essa é uma maneira, é claro, de você abordar as parábolas, você as interpretará de acordo. Agora, apocalíptico era um gênero que tentava apresentar uma ação divina realmente transcendente de uma forma codificada.

O apocalíptico não era simplesmente um tipo de forma literária; foi também um movimento sócio-religioso que floresceu durante cerca de 200 anos em ambos os lados do nascimento de Cristo. Este foi um movimento que envolveu pessoas que se

sentiam marginalizadas, tanto religiosamente como socialmente, das elites, da corrente principal, e que realmente acreditavam que embora Deus como criador ainda exercesse controle e governo sobre o mundo, Ele havia decidido soberanamente não se manifestar. ou tornar conhecido, deixar claro Seu governo sobre o mundo, e não o faria até o fim, até o escaton. Nesse ínterim, Deus estava ativo e movia a história em direção à grande consumação, ao escaton, ao apocalipse, mas de maneiras ocultas, maneiras que não eram realmente observáveis por pessoas que não receberam ajuda para vê-lo.

E assim, o movimento apocalíptico tentou discernir a obra de Deus de maneiras sutis e ocultas no mundo e também, é claro, declarar o que Deus tinha em mente no final. E isso foi expresso em linguagem altamente simbólica. É claro que o exemplo mais óbvio de forma literária apocalíptica no Novo Testamento é Apocalipse 4-22.

Numa linguagem simbólica, uma linguagem altamente visual, e na verdade envolvia ser capaz de ver o invisível. E é por isso que você tem uma linguagem figurativa tão pictórica, com tanta ênfase no tipo pictórico ou visual. E realmente, você tem um uso consistente de linguagem figurada.

Então, em outras palavras, as mesmas figuras tendem a aparecer em uma obra apocalíptica após outra, e tendem a ter o mesmo significado. Eles tendem a apontar para a mesma realidade, de modo que, uma vez iniciado no pensamento apocalíptico, você pode praticamente passar de uma obra apocalíptica para outra. A suposição padrão no apocalíptico é que a linguagem será figurativa e não literal.

Você pode, novamente, ter linguagem literal em certas passagens apocalípticas, mas a suposição padrão é que, sem as indicações claras de linguagem figurativa, de linguagem literal, a linguagem deveria ser entendida como figurativa e não literal, por assim dizer. E também existe a suposição de que uma passagem avança, não necessariamente cronologicamente, mas sim topicamente. E assim, você não pode presumir que, digamos, o que é descrito no capítulo 12 de uma obra apocalíptica deva ser entendido como vindo cronologicamente depois do que foi descrito no capítulo 11.

Na verdade, há muitas pessoas que tendem a ler o apocalíptico como algo que envolve uma sequência cronológica. Pelo menos no mundo ocidental, há uma tendência a ler todas as formas literárias essencialmente como narrativa em prosa e a assumir uma sequência cronológica, mesmo em casos como este, o que, claro, envolve um gênero que não é usado e que já não é familiar, ler até o apocalíptico, que, como digo, não avança em termos de gênero, de expectativas genéricas, cronologicamente, de ler de forma cronológica. E isso levou a toda uma indústria, se assim podemos dizer.

Não estou usando essa linguagem necessariamente de forma pejorativa, mas pode-se dizer que há várias pessoas que fizeram carreira na escatologia e em expor tudo em termos dos detalhes do fim com base em uma leitura cronológica de Apocalipse 4. até 22, o que pode ser problemático. E então o drama ou a prosa dramática, que envolve, realmente envolve prosa, mas a personificação e a descrição vívida de eventos ou ideias para seus efeitos comoventes. Assim, embora esteja na forma de prosa ou história, o objetivo não é relatar um acontecimento ou uma história como tal, mas usar os vários personagens ou os vários eventos na passagem em prosa como representantes de realidades cósmicas.

Acho que um ótimo exemplo aqui é o capítulo 37 de Ezequiel, o famoso capítulo do Vale dos Ossos Secos, onde fica bem claro que Ezequiel não vai realmente a um vale e vê ossos secos que se juntam e ficam carnudos diante de seus olhos, mas sim tipo de coisa. Ele não está falando sobre isso como um evento, mas usando a prosa de uma forma dramática para falar sobre realidades, outros tipos de realidades sobre as quais Deus se refere. Outro exemplo disso seriam os capítulos 7 e 8 de Provérbios, onde a sabedoria é apresentada como uma mulher virtuosa e a loucura, a tolice, é apresentada como uma prostituta.

E ele não está realmente falando, embora use uma linguagem que se refere a uma prostituta e ao que uma prostituta faz e às seduções da prostituição e todo esse tipo de coisa. Ele realmente não está falando sobre prostituição. Seu objetivo é usar a prostituição ou uma prostituta como imagem de loucura.

Então, muito claramente, é importante interpretar passagens de acordo com seu gênero e não nos envolvermos no que poderíamos chamar de violação de gênero, o que acontece, como eu digo, se você interpretar uma passagem que pertence a um gênero literário como se pertencesse a outro. . Um exemplo que dei é de Apocalíptico, para interpretar Apocalíptico como se fosse uma narrativa em prosa , inclusive avançando e assumindo uma sequência cronológica quando, na verdade, é inapropriado, dado esse gênero, assumir uma espécie de sequência cronológica.

Agora, o lugar para uma descrição, um estudo mais aprofundado e uma compreensão desses gêneros, desses vários gêneros, o tipo de referência padrão que devemos procurar para algo assim são os dicionários bíblicos. Sei que muitos de vocês que estão assistindo a este vídeo podem não ter acesso a vários tipos de recursos secundários. Mas deixe-me apenas dizer, se você tiver acesso a recursos secundários, seja em suas próprias bibliotecas ou em bibliotecas que possam estar disponíveis para você ou talvez até online, um dos mais significativos, e acho que sendo todo o resto igual, o mais Um tipo significativo de recurso para estudos bíblicos é o dicionário bíblico.

Se você tiver acesso a ele, se puder pagar, um dicionário bíblico de vários volumes é realmente apropriado para qualquer pessoa envolvida no ministério cristão. Um

dicionário bíblico de volume único é simplesmente muito seletivo, muito breve, muito incompleto para ser de grande ajuda. Agora, na verdade, produzi uma bibliografia de trabalhos sobre vários aspectos do estudo bíblico.

É intitulado Ferramentas Essenciais de Estudo Bíblico para Ministério, e tenho uma seção aqui sobre dicionários bíblicos. O dicionário bíblico ou bíblico de maior autoridade é provavelmente considerado o Anchor Bible Dictionary. São seis volumes.

É um pouco caro. Está disponível, aliás, tanto em formato de livro como também eletronicamente. Um que não é tão extenso, mas ainda assim um dicionário bíblico de vários volumes muito robusto, é a Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional, muitas vezes referida acrosticamente como ISBE.

Se você fizer uso disso, certifique-se de obter a Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional, aquela que é editada por Bromley e não por Orr. Aquele que foi produzido por J. Edwin Orr e lançado em 1929 é bastante desatualizado. Está sendo vendido por uma grande editora, sendo elogiado por ela.

Você não quer isso. É realmente datado. Você deseja obter a edição mais recente editada por Bromley.

Outro muito útil, e na verdade este é o mais recente, é o New Interpreters Dictionary of the Bible, publicado pela Abingdon. Isso está em cinco volumes. Mas eles têm artigos sobre todas essas formas literárias.

Eles detalham e são bastante úteis em termos do significado interpretativo dessas formas literárias. No próximo segmento, vamos realmente olhar para a pesquisa por segmento e fazer uma pesquisa por segmento do primeiro capítulo de Tiago. Novamente, antes de assistir ao vídeo, eu encorajo você a ler o primeiro capítulo de Tiago.

Tente fazer o que puder para entender isso por meio de uma pesquisa de segmento. Então falaremos sobre isso no início do próximo segmento.

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 10, Levantamento de Partes e Todos, Levantamento de Divisões, Seções, Segmentos e Gêneros.